

Linda do Rosário: uma leitura junguiana

Linda do Rosário: a Jungian Reading

Simone Neiva (PPGA-UFES)¹
Stela Maris Sanmartin (PPGA-UFES)²

Resumo: Este artigo propõe uma análise simbólica da obra *Linda do Rosário* (2004), de Adriana Varejão, à luz da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Serão mobilizados os arquétipos da sombra, da *anima/animus*, além dos conceitos de imaginação ativa e a individuação, para explorar como a obra provoca o espectador a confrontar conteúdos reprimidos da psique individual e coletiva. Através dessa abordagem, busca-se compreender o poder transformador da arte como catalisadora de processos psicológicos.

Palavras-chave: *Linda do Rosário*; Carl Gustav Jung; arquétipos.

Abstract: *This article proposes a symbolic analysis of the work Linda do Rosário (2004), by artist Adriana Varejão, considering Carl Gustav Jung's analytical psychology. The archetypes of the shadow, anima/animus, and concepts of active imagination and individuation will be mobilized to explore how the work provokes the viewer to confront repressed contents of the individual and collective psyche. Through this approach, we seek to understand the transformative power of art as a catalyst for psychological processes.*

Keywords: *Linda do Rosário*; Carl Gustav Jung; archetypes.

DOI: 10.47456/col.v15i26.50168



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0

¹ Doutoranda e Mestre em Artes Visuais (UFES), Especialista em História da Arte e História da Arquitetura (PUC Rio), Doutora em Arquitetura (USP), Mestre em Arquitetura (Universidade de Tóquio, Japão), Graduada em Arquitetura (UFES). ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3791-4888>.

² Graduada em Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas na FAAP (1989), Master em Criatividade Aplicada Total pela Universidade de Santiago de Compostela (1999), Mestre em Artes pela Unicamp (2004) e Doutora em Educação pela USP (2013). Docente do Programa de Pós-Graduação em Artes PPGA/UFES. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7276-0584>.

Introdução

Em abril de 2013, a edição da revista A+U exibiu a mais nova tendência em arquitetura expositiva em seis museus localizados em diferentes partes do mundo, dentre eles, Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais (Raymund, 2013). Os espaços apresentados compartilhavam o fato de ultrapassarem o conceito do “cubo branco” (O’Doherty, 2002), propondo uma justaposição entre patronos, curadores, artistas, arquitetos e paisagistas. Neles, a experiência do espectador é fragmentada em múltiplos pavilhões e jardins, incluindo obras de *site-specific* ou, ao contrário, recebendo novas arquiteturas para abrigar obras consagradas. Tal é o caso da Galeria Adriana Varejão, que abriga seis obras da artista em Inhotim, dentre elas, Linda do Rosário (2004).

Linda do Rosário (2004): entre azulejos e carnes

Uma das peças mais emblemáticas de Adriana Varejão, Linda do Rosário (2004) (figura 1), apresenta, em sua superfície, a alusão a tradicionais azulejos brancos modernistas, similares aos encontrados em locais associados à higiene e à esterilidade. Em lugar do concreto e dos tijolos aglutinadores da arquitetura, estão carnes e vísceras pintadas, revelando o interior pulsante da parede, um traço característico da série Charques, iniciada pela artista na década de 2000 (Diegues, 2009). Nessas criações escultóricas, a estrutura arquitetônica é fundida ao corpo humano, fazendo com que a tinta a óleo sobre alumínio e poliuretano simule azulejos e carnes.



Figura 1. Adriana Varejão, Linda do Rosário, 2004, óleo sobre alumínio e poliuretano, 195x800x25 cm. Instalação em forma de parede de azulejos brancos, com partes quebradas que revelam interior vermelho semelhante a carne. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/linda-do-rosario/>. Acesso em: 10 set. 2025.

Para criar a obra *Linda do Rosário*, Varejão inspira-se no colapso do Hotel Linda do Rosário (figura 2), ocorrido em 2002, no centro do Rio de Janeiro, e no enigma envolto a um casal de hóspedes, supostamente amantes que, mesmo alertados sobre o iminente desmoronamento do prédio, teriam optado por não abandonar o apartamento.



Figura 2. Cena de prédio desmoronado em área urbana, com entulho no chão e trabalhadores em resgate nas ruínas do Hotel Linda do Rosário, 2002 / Detalhe. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2022/09/a-cancao-dos-los-hermanos-inspirada-no-fim-tragico-de-um-amor-proibido-ha-20-anos.ghml>. Acesso 11 jun. 2025.

Sobre o casal envolvido no incidente no Hotel Linda do Rosário, um professor de 71 anos e uma correntista de 48, o noticiário conta que “seus corpos foram encontrados nus e abraçados sobre os restos de uma cama. Há quem diga que eles dormiam, ou talvez decidiram permanecer unidos, sem fugir, cansados de se esconderem” (O Globo *apud* Andreghetto, 2015, p. 84). A notícia do desabamento, as imagens dos azulejos e das estruturas rompidas, da mistura entre arquitetura e os corpos, marcam Varejão. A experiência é traduzida pela artista ao simular a arquitetura de azulejos sendo violentamente rasgada por carne crua, vísceras e sangue, criando

um abismo simbólico entre a superfície fria do azulejo e o trauma oculto, entre o visível e o reprimido, entre a fachada civilizatória e as ruínas afetivas e históricas que ela oculta, instaurando uma reflexão sobre a persistência da violência nos espaços urbanos, nas estruturas sociais e na memória coletiva. Sobre a potência simbólica em obras como *Linda do Rosário*, Schollhammer comenta:

Sem penetrar no mundo a procura de um sentido oculto, a imagem abre o mundo para o mundo, o interior para o interior, assim como uma ferida que não necessariamente é uma abertura para o exterior, mas pode ser uma abertura para dentro, um dobrar-se ou envolver-se (Schollhammer *apud* Diegues, 2009, p. 186).

Repleta de conteúdo simbólico, a obra *Linda do Rosário* nos oferece uma oportunidade de mergulho nas camadas profundas da psique. Nessa obra, os materiais utilizados por Varejão, como azulejos, fissuras e vísceras, ativam uma experiência visceral e arquetípica. Por esse motivo, a leitura junguiana dessa obra nos apoia na compreensão sobre como os símbolos visuais acessam o inconsciente coletivo e se tornam meios de transformação interior e social.

Análise simbólica da obra *Linda do Rosário* à luz da psicologia analítica

Carl Gustav Jung,³ médico psiquiatra, dedicou sua vida para compreender e tratar da alma humana, chegando à ideia de que o inconsciente se constitui de duas camadas: pessoal e coletivo (Abrantes; Sanmartin, 2017, p. 76). Observou que a evolução psíquica se dá nos encontros da consciência com o inconsciente, por meio de símbolos que se manifestam nos sonhos e na arte, compreendida como manifestação privilegiada do inconsciente (Colonnese, 2018).

Para Jung, os símbolos e as imagens estão carregados de significados que transcendem a linguagem racional e são os veículos por meio dos quais o inconsciente se comunica com a consciência. Nesse sentido, a arte além

³ Carl Gustav Jung, nascido na Suíça em 1875 cria o que conhecemos como Psicologia Analítica.

de expressão estética, configura-se como um espaço de elaboração de conflitos internos e coletivos. Assim, ao criar imagens que evocam o inconsciente coletivo, o artista torna-se um mediador entre o mundo interior e o mundo exterior, e as imagens arquetípicas manifestam-se com toda sua potência.

As imagens arquetípicas são aquelas que “configuram vivências primordiais da humanidade, semelhante nos seus traços fundamentais, em toda parte do mundo, podendo revestir-se de roupagens diferentes de acordo com a época e as situações em que se manifestam, exprimindo, porém, sempre os mesmos afetos e ideias” (Sanmartin, 2004, p. 19).

O arquétipo da sombra é, para Jung, a parte da personalidade que contém tudo aquilo que o ego recusa-se aceitar, como traços negativos, impulsos reprimidos, memórias traumáticas. No plano coletivo, a sombra pode incluir elementos da história que foram ocultados ou silenciados. Para Grinberg, ao nomear o arquétipo como sombra, Jung é bastante sugestivo, já que a palavra “faz pensar naqueles conteúdos privados da luz da consciência. [...] negligenciar nossa própria sombra nos traz um sentimento de culpa” (Grinberg, 2003, p. 145).

Quando o interesse se desloca, deixa em sombra as coisas de que anteriormente nos ocupávamos, exatamente como um holofote ao iluminar uma nova área deixa uma outra mergulhada em escuridão. Isto é inevitável, pois a consciência só pode conservar iluminadas algumas imagens de cada vez e mesmo assim, com flutuações nesta claridade. Os pensamentos e ideias esquecidos não deixam de existir (Jung, 1964, p. 34).

Em Linda do Rosário, a sombra se manifesta de maneira visual e pungente. Por trás da superfície aparentemente limpa dos azulejos, jorram vísceras, músculos e carne crua. O que, a princípio aparenta ordem e pureza, revela sua verdadeira face: o corpo ferido e seu interior, bem como a sensualidade e a luxúria. A obra também torna visível a sombra coletiva do Brasil, o rastro da violência, especialmente no que se refere à colonização, à escravidão e ao apagamento cultural.

Esses conteúdos, recalcados na formação da identidade nacional, são trazidos à superfície como um chamado à consciência. A arte de Varejão, nesse sentido, cumpre a função junguiana de revelar o que foi reprimido, de dar corpo à sombra para que possa ser confrontada e, quem sabe, integrada. Na teoria junguiana, o arquétipo da *anima* representa a energia do feminino na psique do homem; e o *animus*, a energia do masculino na psique da mulher. Ambos são forças interiores que necessitam integração. Sanmartin (2021), sobre o diálogo entre as energias femininas e masculinas, diz que

El “lado femenino” del potencial creativo es subjetivo, emocional, con posible atención en muchas direcciones, mientras que la energía masculina se caracteriza por la objetividad, la razón y el enfoque en una sola dirección. Este tránsito favorece el proceso y está presente en métodos creativos que nos permiten zambullirse en el inconsciente para captar lo necesario para lograr nuestros sueños (Sanmartin, 2021, p. 89).



Figura 3. Linda do Rosário (2004). Detalhe de parede de azulejos quebrada, mostrando interior de massa vermelha que lembra carne. Contraste entre azulejos e carnes. Disponível em: <https://gvcult.blogosfera.uol.com.br/2016/12/28/por-entre-azulejos-analise-da-obra-linda-do-rosario-de-adriana-varejao/> Acesso em: 11 jun. 2025.

A obra Linda do Rosário trabalha profundamente essa tensão entre opostos simbólicos. Os azulejos, com sua rigidez geométrica, remetem ao racional, ao controle, ao masculino simbólico. Já a carne, exposta e orgânica, evoca o corpo, a sinuosidade, a emoção, a intuição, aspectos do feminino arquetípico. A fusão desses elementos na obra simboliza a tentativa de harmonização entre anima e animus (figura 3). Varejão propõe não a supremacia de um polo sobre o outro, mas o reconhecimento da coexistência entre estruturas opostas e complementares.

Jung (1964) desenvolveu o método da imaginação ativa como uma ferramenta de diálogo entre o consciente e o inconsciente e, na prática, imagens, sonhos e fantasias são acolhidos e desenvolvidos de maneira criativa, permitindo ao sujeito integrar aspectos da psique.

Imaginação ativa é uma certa forma de meditar com o auxílio da imaginação, e em cujo processo pode-se entrar deliberadamente em contato com o inconsciente, estabelecendo uma relação consciente com os seus fenômenos psíquicos (Jung, 1964, p. 206).



Figura 4. Adriana Varejão, Celacanto provoca maremoto, 2004-08, óleo e gesso sobre tela, 110 cm x 110 cm cada, 184 peças. Grande painel de azulejos pintados em tons de azul, com figuras e ondas abstratas em exposição. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/celacanto-provoca-maremoto/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

A estética de Varejão, especialmente ao recriar cenas com azulejos modernistas (ou coloniais) rachados, sangue e destruição, pode ser vista como fruto de um processo de imaginação ativa. A artista representa e dialoga simbolicamente com o trauma histórico, evocando imagens arquetípicas que transcendem o plano pessoal e se comunicam com o inconsciente coletivo brasileiro. No caso de Linda do Rosário, o uso dos azulejos brancos comuns ativa as memórias de espaços como banheiros, cozinhas, hospitais, manicômios, laboratórios que são normalmente reconhecidos pelo imaginário cultural como espaços meramente funcionais, frios e vulgares. Em outras obras, como Celacanto provoca maremoto (2004-2008), é a simulação do azulejo português que ativará as memórias coloniais que serão reimaginadas e transformadas em denúncia e reflexão.

Desse modo, a fruição da obra de Varejão também pode ser pensada como uma experiência de imaginação ativa, no momento em que o espectador não apenas observa, mas é convocado a confrontar imagens que provocam repulsa, fascínio ou reconhecimento de si e de sua história por meio da imaginação que transcende o visto em diferentes associações. As entranhas expostas nos azulejos abrem a parede e se abrem para o inconsciente do espectador e para possibilidades de atribuir as mais variadas significações.

Algumas considerações sobre a individuação e transformação simbólica a partir da obra Linda do Rosário

Grinberg compreende a individuação em Jung como o evento de tornar-se um indivíduo, “aquele que não se divide” ou “tornar-se si mesmo” (Grinberg, 2003, p. 93). Assim, a individuação seria o processo pelo qual o indivíduo se torna o que ele realmente é, integrando os conteúdos inconscientes à consciência e desenvolvendo sua totalidade.

O processo de individuação, descreve o processo pelo qual o consciente e o inconsciente do indivíduo aprendem a conhecer, respeitar e acomodar-se um ao outro [...] o homem só se torna um ser integrado, tranquilo, fértil e feliz quando (e só então) o seu processo

de individuação está realizado, quando consciente e inconsciente aprenderam a conviver em paz e completando-se um ao outro (Jung, 1964, p. 14).

Essa jornada exige o enfrentamento da sombra, o diálogo com os arquétipos e a abertura à linguagem simbólica.

O trânsito entre o consciente e o inconsciente pode ser apresentado por meio de uma analogia entre o processo criativo e a mitologia grega, que descrevemos a seguir, para pensar sobre o processo de individuação (evolução da psique) e a transformação simbólica (imaginação ativa). De acordo com Sharman-Burke e Greene (1988), Perséfone, rainha das trevas, filha da Mãe Terra, é a imagem do vínculo com o mundo interior misterioso e insondável, que a psicologia chama de inconsciente. Segundo o mito, Perséfone vivia feliz com sua mãe Deméter ou Ceres na Terra, até que some abruptamente enquanto colhia flores no campo. Sem saber o que acontecera com sua filha, ela se entristece e só depois de muitos anos fica sabendo que o tenebroso senhor das trevas havia se apaixonado perdidamente por Perséfone e subira à superfície da terra para raptá-la. Enfurecida, Deméter ordenou que a terra secasse e recusou-se a devolver a abundância ao mundo, condenado a perecer. Foi quando o astuto e bondoso Hermes mediu a situação e logrou um acordo: durante nove meses do ano, Perséfone viveria com sua mãe, devendo retornar ao marido nos outros três meses. Assim, Perséfone simboliza o trânsito entre o inconsciente e a consciência, processo intrínseco aos processos criativos, de criação e da transformação.

A partir dessa compreensão, a obra *Linda do Rosário* pode ser lida como um ritual simbólico de individuação. Ela desmonta as máscaras do eu social simbolizado pelos azulejos da superfície decorativa, revela as camadas ocultas, simbolizadas pela carne, e propõe a integração dos elementos dissociados. Nesse sentido, a obra pode ser interpretada como metáfora do processo de individuação coletiva. Ao expor as feridas ocultas da história brasileira como manicômios, a repressão ou o colonialismo,

Varejão expõe a sombra e convida à integração dessas feridas na consciência histórica e cultural.

Considerações finais

Linda do Rosário pode ser interpretada como um ato de cura, ou um caminho de individuação, ou seja, convida a olhar com coragem para os escombros do passado, confrontar o que foi silenciado, reconhecer o valor daquilo que foi perdido ou excluído. A obra torna-se uma ferramenta de transformação psíquica e social, atua no campo estético, no campo simbólico e no psíquico. Através da evocação da sombra, da tensão entre *anima* e *animus*, do estímulo à imaginação ativa e do convite à individuação, Linda do Rosário se configura com um dispositivo de consciência individual e coletiva.

Na fruição, o espectador pode dialogar com o proposto pela obra e mobilizar conteúdos internos que estão latentes. Da mesma maneira, por meio da imaginação criadora, o público pode ampliar o campo de significações proposto pela artista.

Em tempos de crise identitária e revisões históricas, a arte que confronta o passado ativa o inconsciente e torna-se ferramenta fundamental para a transformação psíquica e cultural. Varejão, ao abrir os azulejos de nossa história, revela a superfície e nos convida a acolher esse conteúdo como parte do que somos e do que ainda podemos nos tornar.

Referências

ABRANTES, Ana e SANMARTIN, Stela Maris. **Intuição e Criatividade na Tomada de decisões**. São Paulo: Editora Trevisan, 2017.

ANDREGHETTO, Priscilla Beatriz Alves. **A visceral azulejaria de Adriana Varejão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista/UNESP, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/127940>. Acesso em: 18 dez. 2025.

COLONNESE, Luisa Rosenberg. **Jung e arte: a obra em contínuo devir**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.47.2018.tde-19122018-163523. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19122018-163523/pt-br.php>. Acesso em: 18 dez. 2025.

DIEGUES, Isabel. **Adriana Varejão: entre carnes e mares**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2009.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung: o homem criativo**. São Paulo: FTD, 2003.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do Espaço da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RAYMUND, Ryan. White Cube, Green Maze: New Art Landscape. **A+U Magazine**. Recent Projects. Tokyo, march 2013.

SANMARTIN, Stela Maris. **Arqueologia da criação artística: vestígios de uma genese: o trabalho artístico em seu movimento**. 2004. 113 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/338848>. Acesso em: 18 dez. 2025.

SANMARTIN, Stela Maris. Creatividad y creación: posibilidades de transformación. In: BARAÚNA, Tania (coord.) **Mujeres en movimiento**. Lo femenino más allá del círculo. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2021, p. 87-110.

SHARMAN-BURKE, Juliet; GREENE, Liz. **O tarô mitológico**. Uma nova abordagem para a leitura do Tarô. Tradução Anna Maria Dalle Luche. São Paulo: Siciliano, 1988.

Recebido em: 26 de setembro de 2025.
Publicado em: 29 de dezembro de 2025.